

# O MUNDO DOS PEQUENOS E A MEMÓRIA DA INFÂNCIA EM *O SILÊNCIO DA ÁGUA*, DE JOSÉ SARAMAGO

RESENHA DE:  
SARAMAGO, JOSÉ. *O SILÊNCIO DA ÁGUA*. 2<sup>A</sup> ED.  
ILUSTRAÇÕES YOLANDA MOSQUERA. SÃO PAULO:  
COMPANHIA DAS LETRINHAS, 2021.

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v14i28p174-178>

Renan Henrique Messias de Paulo<sup>1</sup>

Em *A maior flor do mundo*, José Saramago diz:

As histórias para crianças devem ser escritas com palavras muito simples, porque as crianças, sendo pequenas, sabem poucas palavras e não gostam de usá-las complicadas. Quem me dera saber escrever essas histórias, mas nunca fui capaz de aprender, e tenho pena. Além de ser preciso saber escolher as palavras, faz falta um certo jeito de contar, uma maneira muito certa e muito explicada, uma paciência muito grande – a mim falta-me pelo menos a paciência, do que peço desculpa (SARAMAGO, 2020, p. 4).

Na ocasião, *A maior flor do mundo* foi a primeira tentativa do brilhante escritor português em uma publicação na área da literatura infantil, sendo lançado em 2001, três anos após ser laureado com o Nobel de Literatura

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil.

(1998). De maneira sucinta, o livro conta a aventura de um garotinho que extrapola os limites de sua casa, descobrindo um vasto mundo ao pular os muros de sua casa, passando por diversas paisagens e retratando as coisas mais belas que fogem do nível privado.

Nessa aventura, o pequeno garotinho protagonista encontra uma pequena flor que, chorando sem lágrimas, está praticamente morta. Com o processo de humanização da personagem, o menino sai em busca de água para levar para a quase morta flor. Ele desbrava todo o mundo para carregar, de pouco em pouco, água para a flor.

Com a empreitada, o garoto fica exausto e acaba dormindo debaixo da flor que, naquela altura, estava gigantesca. A família e todos da aldeia que ele morava dão falta do menino, movimentando uma busca incessante atrás do mesmo.

Depois de horas de procura, os pais do menino o encontram sob uma pétala enorme da flor que a soltou para o cobrir, como um cobertor. Antes de encerrar a história, José Saramago, que participa da história nas ilustrações do moçambicano João Caetano diz que tentou escrevê-la, mas também propõe um convite a quem quiser contá-la de outra maneira, de um jeito talvez mais simples.

Este era o conto que eu queria contar. Tenho muita pena de não saber escrever histórias para crianças. Mas ao menos ficaram sabendo como a história seria e poderão conta-la doutra maneira, com palavras mais simples do que as minhas, e talvez mais tarde venham a saber escrever histórias para as crianças... Quem sabe se um dia virei a ler outra vez esta história, escrita por ti que me lês, mas muito mais bonita?... (SARAMAGO, 2020, p. 28-29).

O fato é que, depois de 5 anos dessa empreitada, José Saramago lança *O silêncio da água* no livro *As pequenas memórias* (2006), mas apenas em 2011 num único livro. Agora, se posso dizer, com uma linguagem mais simples, ainda que a história não seja. Nesta ocasião, o escritor português resgata memórias de sua infância. Saramago nasceu na pequena vila de Azinhaga do Ribatejo, mas passou a maior parte de sua vida na capital portuguesa, Lisboa. O contato com a terra e o campo pode ser tanto pela sua origem campestre mas, também, pelo fato de sua família ser de agricultores.

Mas o que mais importa nessa origem rural é que Saramago conseguiu transpor de maneira mágica a vida social que viveu no âmbito da natureza na infância. Com muitas ilustrações, temos nas primeiras páginas de *O silêncio da água*, personagens que estão em meio a um rio protegido por uma poderosa e densa mata ciliar: uma mãe com seu bebê se divertindo no leito; um pescador com sua embarcação; um rapaz descansando com um pedaço de grama entre os dentes e um menino correndo.

Mais páginas correm e encontramos meninos nadando e se divertindo no rio. Até que o narrador anuncia a história: “Tinha eu ido com os meus petrechos a pescar na foz do Almonda, chamávamos-lhe a “boca do rio”, onde por uma estreita língua de areia se passava nessa época ao Tejo” (SARAMAGO, 2021, p. 11). É nessa foz em delta que se desenrola a narrativa. Antes de mais nada, enxerguemos o mundo de possibilidades nessa formação geográfica. Quando um rio termina seu caminho em uma foz em delta, geralmente são formados bancos de areia, pois a o processo erosivo alinhado à sedimentação é tão grande que, todos os dejetos, pedaços de rochas e compartimentos de solo são carregados até a foz do rio que, por sua vez, cria espécies de ilhas com todo o resultado dessa erosão e sedimentação.

Ali o protagonista alça sua vara de pescar e luta contra um peixe muito forte que acaba mordiscando a isca e rompe com a linha e o anzol. Desesperado o garoto que, na foz daquele rio, onde a atmosfera sugere a presença de um monstro, que possivelmente poderia ser o peixe que ele lutara, decide ir em casa reforçar sua vara de pesca para batalhar novamente com o peixe.

Contrariando a avó, o garoto acreditava que, se ele voltasse até àquele ponto do rio, ainda encontraria o peixe. Já sem a iluminação do sol, o garoto voltou e atirou novamente sua vara para encontrar o peixe, num silêncio total que anunciava o fim do dia. “Não creio que exista no mundo um silêncio mais profundo que o silêncio da água. Senti-o naquela hora e nunca mais o que esqueci (SARAMAGO, 2021, p. 21).

O livro termina com a não captura do peixe que, por não ser visto e, tampouco ilustrado em toda a obra, ganha dimensões no mundo do imaginário, pois não sabemos ao certo se ele morreu ferido com o anzol engolido; se fora capturado por outro pescador; ou se somente fugira daquela região. “Aquele barbo tinha vivido muito, devia ser, pela força, uma besta corpulenta, mas de certeza não morreria de velho, alguém o pescou num outro dia qualquer. De maneira ou outra, porém, com o meu anzol enganchado nas guelras, tinha a minha marca, era meu.” (SARAMAGO, 2021, p. 25).

E com a conclusão da obra temos o garoto que há muito se divertia e recolhia todas as experiências que o rio lhe proporcionara, porém esse mesmo agente geográfico ofereceu o silêncio e a incerteza, mas que essa aventura reviveu, e muito, no imaginário da criança que mais tarde escreveria essa história.

Com uma ilustração linda e sensível da artista espanhola Yolanda Mosquera, o silêncio é notado e percebido no ato final do garoto com seu cão, ambos pouco abatidos com a falha na missão, trocando olhares de cumplicidade.



Figura 1: Ilustração do desfecho do livro. Ilustrado por Yolanda Mosquera.  
Fonte: SARAMAGO, 2021, p. 27.

É o leitor que, pelas imagens, que ocupam página dupla, vai identificar sua existência e seu lugar quase escondido atrás de um urso. É o leitor que vai concluir sobre seu compromisso encolhido, alheio ao conagraçamento alegre dos outros companheiros. É o desenho que diz isso. Ao longo do livro, as imagens antecipam e completam a engraçada história (RAMOS, 2020, p. 54).

Se “a memória e o esquecimento estão indissolúvel e mutuamente ligados, que a memória é apenas uma outra forma de esquecimento e que o esquecimento é uma forma de memória escondida” (HUYSSSEN, 2000, p. 18), podemos considerar que os eventos retratados em *O silêncio da água* estão susceptíveis a serem esquecidos, ou foram construídos no campo da memória e do esquecimento. Mas quando nos referimos à literatura infantil, o campo da imaginação, da magia e do imaginário ganham mais importância do que o plano da realidade, uma vez que os elementos que constituem a narrativa devem fazer com que atraíam o interesse dos pequenos.

Contudo, essa literatura não é apenas lida pelos pequenos, na quarta capa de *A maior flor do mundo* encontramos a indagação “E se as histórias para crianças passassem a ser leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tempo têm andado a ensinar?” (SARAMAGO, 2020). Ora, a literatura infantil tem muito a dizer

não só às crianças, mas também aos mais velhos. Com essas duas lindas histórias encontramos a magia, a potência da contação de história e, especialmente, a paixão pela infância.

Portanto, simplesmente não concordo com o Saramago que diz não saber escrever histórias infantis. O mesmo gigante autor de *Memorial do Convento*, *Ensaio Sobre a Cegueira*, e *História do Cerco de Lisboa* também é fantástico na literatura voltada ao pequenos e tanto *A maior flor do mundo* quanto *O silêncio da água* comprovam essa minha teoria.

## REFERÊNCIAS

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

RAMOS, Graça. *A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SARAMAGO, José. *O silêncio da água*. 2ª ed. Ilustrações Yolanda Mosquera. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

SARAMAGO, José. *A maior flor do mundo*. Ilustrações: João Caetano. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.


Recebido em 28 de fevereiro de 2022

Aprovado em 29 de julho de 2022

Renan Henrique Messias de Paulo

Mestrando em Estudos da Literatura na Universidade Federal de São Carlos. Bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade de São Paulo. Professor PEB II do Governo do Estado de São Paulo.

Contato: [renan.srv@hotmail.com](mailto:renan.srv@hotmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-6909-7328>

A Revista *Desassossego* utiliza a Licença **Creative Commons Attribution** que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – **Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)**, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.